

A marca do artista nos prédios e monumentos

Brasília — Luiz Antônio

ELIANA LUCENA

— O sr. é dos pioneiros na cidade, com um trabalho reconhecido internacionalmente. Como começou sua relação com Brasília?



— Minha relação com a cidade foi consequência direta do trabalho que desenvolvia no Rio, com Oscar Niemeyer, prestando assessoria em artes plásticas. Niemeyer convidou-me para trabalhar na Nôyacap e percebi que se tratava de uma oportunidade única ajudá-lo em projetos de detalhes nos prédios de Brasília. Já naquela época eu considerava Niemeyer uma expressão fabulosa da arte do século 20. Comecei a trabalhar em Brasília em 57, fazendo os azulejos da Igreja de Fátima e do Brasília Palace Hotel, que acabaram destruídos num incêndio. Realizei estes dois primeiros trabalhos ainda no Rio. Em 1958 viemos para cá.

— Entre os trabalhos que o sr. realizou em Brasília, alguns são conhecidos, outros menos. O sr. destacaria quais?

— Entre os mais conhecidos citaria o painel do Salão Negro do Congresso Nacional, em mármore e granito, a porta da capela do Palácio Alvorada, feita em metal. O relevo do Teatro Nacional foi projetado em 1966. Niemeyer pensava numa solução para compor as laterais do teatro, construído em forma de pirâmide. Num primeiro momento ele pensou em azulejo, mas depois passou-me a idéia de algo que fosse, ao mesmo tempo, leve e

Existem duas Brasília, como existem dois Brasis. Cobra-se demais de Brasília

■ Quando chegou em Brasília, em 1958, trazido por Niemeyer, o artista plástico Athos Bulcão não tinha dúvidas de que aquela era uma oportunidade única em sua vida. Junto com o arquiteto, o artista plástico carioca mergulhou fundo na criação de obras que hoje marcam a cidade, como os desenhos das estruturas externas do Teatro Nacional, os quadros da vida de Nossa Senhora, na Catedral, e os azulejos da igreja de Fátima.

Trinta e cinco anos depois, Athos Bulcão tem um grande amor pela cidade, mesmo incomodado com as descaracterizações impostas ao Plano Piloto com o surgimento de prédios que ele define como “monstren-

gos”. Em seu apartamento e atelier, na Asa Sul, procura manter uma convivência permanente com jovens artistas da cidade, enquanto continua a desenvolver trabalhos destinados a vários estados. Mas é a pintura que mais o envolve hoje. As dezenas de telas espalhadas pelo apartamento vão obrigá-lo a procurar outro local para morar.

Defensor apaixonado da cidade, Athos Bulcão se irrita com o ressentimento contra Brasília, desde que JK trouxe a capital para o Centro-Oeste. “Brasília é um reflexo do que acontece no país. Se a capital fosse em outro estado, não estaríamos livres de denúncias de corrupção” afirma.

pesado. Acabei optando por um acabamento que conjugasse luz e sombra. Só há pouco tempo pensei em um nome para aquele trabalho: *O sol faz a festa*, porque o grande colaborador dessa obra é o sol, que faz o movimento das sombras da fachada durante todo o dia. Só lamento hoje o péssimo estado de conservação do prédio.

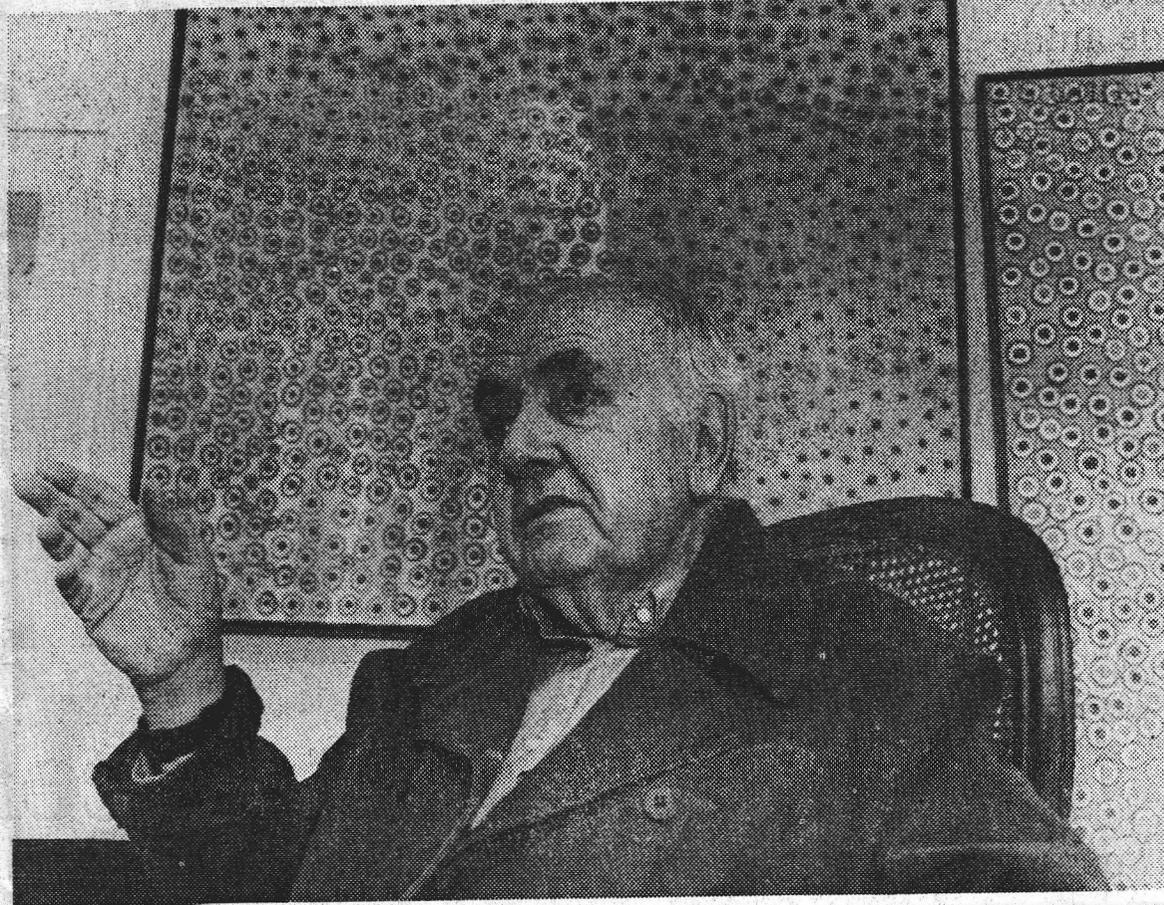
— Com 35 anos de Brasília, como o sr. vê hoje a cidade que cresceu e que começa a fugir do perfil inicial de centro estritamente administrativo?

— Gosto muito do Plano Piloto e acho uma pena que estejam ocorrendo transformações para pior. Alguns prédios com um tipo de arquitetura pós-moderna poluem

a paisagem da cidade. Creio que deveria haver uma reflexão sobre o que está acontecendo, mas não sei qual a maneira prática de lidar com isto. Há descaracterizações, como a sofrida pela Igreja Episcopal da 109/119 Sul, do arquiteto Glauco Campello. Ali fizeram uma construção de vários andares ao lado da capela, um monstro que entrou em conflito com o projeto, que era belíssimo.

— O fato é que a cidade está crescendo. Qual seria, então, a alternativa para corrigir distorções que acabam acontecendo, especialmente no Plano Piloto?

— O próprio Lúcio Costa, há alguns anos, sugeriu a construção de uma cidade em torno do futuro lago de São Bartolomeu. O importante é que deixem o Plano Piloto em paz. Brasília foi pre-



vista para ter uma população bem menor. Quando ela foi concebida, não se podia prever o que aconteceria com a indústria automobilística. Hoje há problemas de trânsito, mas só pela extensão da área verde existente já considero um privilégio viver aqui. Mas, às vezes há pessoas que parecem não gostar da cidade e querem até cercar as quadras com grades de ferro.

— Mas esta não seria uma preocupação real da população que passou a conviver com o aumento da violência numa cidade com sérios contrastes sociais?

— Na verdade, Brasília nasceu com a marca de uma utopia: o sonho socialista dos

idealizadores do plano. É, na verdade, uma cidade que funcionaria perfeitamente num regime de governo diferente. A alternativa não é mudar a cidade, mas buscar soluções que permitam melhorar as condições de vida da população.

— Com as denúncias de corrupção, Brasília sofre hoje um processo de estigmatização, como se quem vive aqui desfrutasse de uma

ilha da fantasia.

— Existem duas Brasília, como existem dois Brasis por onde você passa. A presença da miséria é algo terrível e há uma injustiça enorme nessa distribuição de renda em todo o país. Cobra-se demais de Brasília, uma cidade no-

A alternativa não é mudar a cidade, mas melhorar as condições de vida da população

va. Me deixa irritado a má vontade, principalmente do Rio de Janeiro, de onde vim, em relação a tudo o que se refere à capital.

— Como o sr. vê as manifestações artísticas locais?

— Acho que têm se tornado mais ricas, mas ainda existe um caos muito grande. Há manifestações importantes, outras não, mas isto é consequência da imaturidade da cidade. O importante é o intercâmbio, o relacionamento de outras capitais com Brasília. Há muito tempo venho alertando os artistas jovens no sentido de que o mundo não se restringe ao retângulo de 60 por 200 quilômetros que forma o Distrito Federal. Tenho procurado trabalhar com os jovens, fazê-los refletir sobre a arte e a buscarem seus próprios caminhos.